

APRESENTAÇÃO

Enunciação, Subjetividade, Ensino – um trinômio em debate

Este volume da Revista Letras & Letras reúne trabalhos voltados para a temática Enunciação, Subjetividade, Ensino. Consideramos produtivo e relevante lançar um olhar para as questões de ensino, seja de língua materna, seja de língua estrangeira, a partir do enfoque da enunciação. Primeiro, porque a relação entre homem e linguagem é tomada como indissociável, isto é, como uma relação de constituição; por derivação, podemos pensar e analisar a relação entre professor e aluno, bem como em relação aos demais profissionais envolvidos na escola, na universidade, como humanos que estão inseridos culturalmente em experiências de linguagem coletivas e particulares ao mesmo tempo. Segundo, porque a concepção intersubjetiva da linguagem traz à luz o caráter dialógico e relacional entre os homens; também por derivação, podemos vislumbrar em que medida esse caráter afeta e fundamenta a própria relação pedagógica entre professor e aluno, sobretudo a transmissibilidade de conhecimento a partir de conteúdos.

Nesse sentido, relacionar, deslocar, derivar, interpretar alguns aspectos da enunciação, eminentemente teóricos, para se pensar a relação pedagógica entre professor e aluno, exige recolocar em outros termos as questões que se referem ao ensino e à aprendizagem de línguas, por exemplo. Como locutor e interlocutor, posições que se marcam na e pela linguagem, professor e aluno precisam produzir um ato de enunciação cada vez novo e irrepitível. Trata-se de um ato que convoca sempre as coordenadas de pessoa, de tempo e de espaço, por excelência, segundo a conceptualização que a língua produz delas. Por isso, nem a pessoa nem o tempo nem espaço correspondem à dimensão empírica no mundo. Enunciativamente dizendo, seria afirmar que a experiência humana na e pela linguagem comporta sempre uma relação com o novo, com o singular. O ato de enunciar em si é sempre novo, singular. Em termos de ensino e aprendizagem, esse ato põe em relação a língua em uso e ação por professor e aluno, cujo efeito último seria instaurar uma correferenciação entre eles.

Os artigos que compõem este volume e a entrevista que o fecha versam sobre a relação entre Enunciação, Subjetividade, Ensino, quer de modo mais frontal, quer de modo mais tangencial. A perspectiva enunciativa que decorre das formulações de Émile Benveniste alicerçam, predominantemente, as considerações teórico-analíticas dos artigos em questão. As contribuições de Roman Jakobson também são mobilizadas em um dos artigos.

O artigo *A Linguagem e a experiência humana na sala de aula*, de Carmem Luci da Costa Silva, Carolina Knack e Aline Juchem, abre o presente volume. Com base nas teorizações de Émile Benveniste e na articulação teórica com as reflexões de Giorgio Agamben, essas autoras lançam um olhar antropológico-cultural para a sala de aula. Interessa a elas mostrar e fundamentar o modo como o aluno universitário, por meio da produção discursiva (falada e escrita), faz emergir o acontecimento e sua própria experiência do acontecimento. Por isso, reportar às considerações de Benveniste e Agamben torna-se relevante para as autoras vincularem a possibilidade de experiência no mundo, seja em que instância for, ao fato de que o homem, por meio do exercício de linguagem, é capaz de simbolizar a realidade, seja representando-a, seja recriando-a. Em termos benvenistianos, seria assumir a concepção de que a cada ato enunciativo, sempre novo e singular, os

alocutários da enunciação presenciam e produzem uma experiência de linguagem cada vez nova e singular.

O segundo artigo *Aspectos enunciativos da subjetividade na leitura*, de Rafaela Janice Boeff-Vargas, apresenta-nos uma reflexão em torno do modo como alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) leram textos publicitários trabalhados em sala de aula. Essa autora toma como ponto de partida a perspectiva da enunciação de Benveniste para defender a noção de leitura como ato enunciativo único e irrepetível. Para tanto, teórico-analiticamente, ela produz desdobramentos para a concepção de que, no ato de ler e interpretar um texto, há uma questão (inter)subjetiva que se apresenta. As análises do *corpus* do artigo evidenciam, para além dos aspectos que possuem uma recorrência, o modo singular com que cada aluno se apropria do enunciado do texto publicitário e a maneira particular com que a resposta é textualizada em si por eles, seja produzindo uma interrogação, uma asserção, uma intimação, uma modalização em relação ao texto publicitário.

O terceiro artigo *A pontuação: a subjetividade em jogo na escrita*, de Vilma Aparecida Gomes, traz relevantes contribuições para se pensar o ensino de escrita para alunos da educação básica, sobretudo para aqueles que estão em fase de aquisição de escrita. Em seu artigo, ela analisa o texto de uma aluna de uma escola pública federal, apostando na perspectiva de que a pontuação exige um trabalho de interpretação do aluno, a ser levado em consideração pelo professor. Por isso, sem perder de vista o alcance e a eficácia da prescrição normativa sobre pontuação, esse artigo põe em relação a questão da subjetividade na escrita, assegurando que se trata de um trabalho de interpretação mais amplo e complexo em que a singularidade certamente intervém. Por meio de um diálogo teórico entre Análise de Discurso pecheutiana, Psicanálise freudo-laciana e Teoria da Enunciação benvenistiana, essa autora imprime um lugar conceitual e analítico para a singularidade, mostrando-nos a relação indissociável entre homem e linguagem e seus efeitos para a situação de ensino e aprendizagem de escrita.

O quarto artigo *Formas de subjetividade e intersubjetividade da língua inglesa e efeitos para o ensino*, de Silvana Silva e Mégui Mascarelo, centra-se na análise de dois textos produzidos por dois alunos de uma escola de língua inglesa. A partir de uma incursão pela Teoria Enunciativa de Benveniste, tais autoras tomam por base a questão da intersubjetividade para enfocar os efeitos dessa questão para a aula em si e para as produções escritas demandadas aos alunos. Elas mostram que tanto um aluno quanto o outro mantêm uma relação particular com a língua inglesa, sobretudo com a escrita nessa língua. Trata-se de pensar, de acordo com essas autoras, que esses alunos possuem experiências particulares (inter)subjetivamente dizendo. Consequentemente, essas experiências particulares encerram percepções diferentes para as aulas de língua inglesa.

O quinto artigo *Uma reflexão enunciativa para o trabalho com o texto na escola*, de Claudia Toldo, problematiza teoricamente a tão propalada concepção de que o texto deve possibilitar e fundamentar o ensino e a aprendizagem das aulas de língua portuguesa. Reposicionando tal concepção, essa autora defende a perspectiva de que considerar o texto sob um viés enunciativo exige sempre acentuar, partir da concepção da língua em uso, de que a linguagem produz sentido. A língua está na base da locução entre locutor e interlocutor, encerrando experiências e usos de linguagem particulares. Por isso, para essa autora, insistir na dimensão semântica da língua e/ou da palavra, por exemplo, reclama pensar no uso, na língua em ação. Quando se trata de vislumbrar o ensino de língua

postuguesa, necessário se faz mostrar ao aluno que, para além do enunciado repetível que resulta da estrutura da língua, há um funcionamento enunciativo que comporta um uso irrepetível.

O sexto artigo *O que seria uma gramática da enunciação? A proposta de uma análise transversal*, de Valdir do Nascimento Flores, aborda o empreendimento teórico-analítico que esse autor produziu em torno do conceito de transversalidade enunciativa. De acordo com esse autor, longe de compartimentar a análise linguística em um único nível de análise, a transversalidade dimensiona a perspectiva de que a enunciação constitui e perpassa a língua de modo mais amplo e integral. Não se trata de pensar em um nível de análise a mais, mas, sim, de que a transversalidade é a própria condição e fundamento para que o ato de enunciação seja produzido pelo locutor. Partindo do conceito de transversalidade, a gramática enunciativa lida com a própria composição linguística que o locutor produz para se propor como sujeito. Para usarmos os termos do autor, trata-se de pensar no “arranjo linguístico” que o locutor empreende no ato de enunciação. Mais de perto, ainda nos valendo dos termos do autor, seria pensar no “sujeito que advém da enunciação”. Como o autor mencionou em seu artigo, a concepção dessa gramática centra-se na língua em uso em que o sentido não pode ser nem fixado nem previsto. E o ensino de língua passa a sofrer consequências, quando consideramos essa concepção de gramática.

O sétimo artigo *O aposto como marca de intersubjetividade: uma análise enunciativa*, de Marlene Teixeira e Vera Helena Dentee de Mello, recoloca em outros termos a ocorrência sintática do aposto. De um elemento meramente parentético, segundo postulam algumas abordagens tradicionais, a um procedimento acessório que evidencia a marca de intersubjetividade, como defendem as autoras, o aposto figura como um recurso da língua que o locutor mobiliza para produzir a significação almejada. Ancoradas notadamente na perspectiva enunciativa de Benveniste, essas autoras destacam que o locutor, a partir do aparelho formal da língua, produz o aparelho formal da enunciação, específico e singular a cada ato enunciativo. Nessa produção enunciativa, o locutor instaura um alocutário, com quem ele passa a manter uma relação subjetiva e intersubjetiva. É nesse sentido que as autoras analisam um guia de viagem publicado *online*, evidenciando que o locutor, ao projetar um alocutário, faz-no visando a influenciá-lo a partir de seu dizer. Nesse artigo, as autoras não perdem de vista as implicações para o ensino de língua portuguesa, ao se conceber o aposto do modo como elas empreendem. Longe de primar tão somente pelas rotulações das análises das categorias gramaticais e/ou das estruturas de língua, elas ressaltam a necessidade de se levar em consideração a língua em funcionamento, em ação, sobretudo quando se trata de pensar no ensino.

O oitavo artigo *O movimento de estruturação das narrativas infantis*, de Juliana Galindo de Oliveira Pontes e Glória Maria Monteiro de Carvalho, mostra-nos o modo como se constitui a estruturação de algumas narrativas infantis. Perseguindo o caráter intersubjetivo da linguagem, as autoras recorrem a trechos transcritos das falas de crianças para dimensionar que as rupturas que ocorrem nessas falas, em relação à fala do adulto, evidenciam uma forma particular que as crianças encontram para convocar e arrumar significantes para a estruturação de narrativas. Pautadas notadamente em teorizações de Roman Jakobson e de Cláudia Thereza Guimarães De Lemos, essas autoras relacionam o modo como a fala das crianças se estrutura a partir dos processos metafóricos e metonímicos, os quais estão ancorados no próprio funcionamento da língua. Para tanto, após escutar o

adulto contar algumas histórias infantis, a criança é levada a recontar a história escolhida, tendo o adulto como seu interlocutor. A análise que as autoras empreendem particularizam justamente esses momentos de reconto, buscando enfocar os momentos de ruptura.

O nono artigo *Rasuras em manuscritos escolares e implicações enunciativas. Da projeção de (inter)locução à transmissibilidade*, de Cármen Agustini, Érica Daniela de Araújo e João de Deus Leite, está circunscrito ao exame teórico-analítico que esses autores produzem em relação a algumas rasuras em manuscritos escolares. Alçada a fato enunciativo, a rasura é tomada por eles como indício do mo(vi)mento de emergência sui-referencial de (inter)subjetividade da relação pedagógica entre professor e aluno. A partir da análise de manuscritos escolares, seja enfocando a ocorrência pontual da rasura, seja vinculando-a ao processo mais amplo e complexo de escrita, tais autores privilegiaram o jogo de (inter)locução que intervém no processo de escrita em ato no espaço escolar. Por isso, com base nas teorizações de Benveniste, esses autores mostram que há uma dimensão (inter)subjetiva que se marca na língua e/ou na linguagem, quando se trata de pensar e analisar que há uma ‘troca’, uma transmissibilidade de conhecimento sobre a *escrita* em jogo na sala de aula.

A entrevista concedida por Catherine Boré fecha este volume. Consideramos o trinômio Enunciação, Subjetividade, Ensino para estruturar algumas perguntas a serem endereçadas a ela. Na entrevista, essa pesquisadora nos relata o modo como ela relaciona a questão da escrita escolar e a enunciação, tendo os manuscritos escolares como objeto de análise. Ela também destaca algumas implicações para o ensino de escrita, quando se trata de conceber a escrita em ato como fato enunciativo. De acordo com ela, uma implicação relevante para o ensino de escrita seria levar em consideração as diferentes versões que a produção de um texto pode comportar, sem desconsiderar o momento enunciativo também diferente. Interessa a ela pensar e articular sempre a relação entre o *scripteur-élève* e a escrita, bem como a relação deste com a língua, dada sua condição de sujeito. Por isso, a escrita traz à tona a criatividade, a dinâmica de um sujeito falante. No final da entrevista, ela ressalta algumas contribuições que a obra *Dernières Leçons*, em homenagem a Émile Benveniste, oportuniza para a reflexão acerca do binômio língua e escrita. Essa obra foi organizada por Jean-Claude Coquet et Irène Fenoglio, em 2012, a partir de notas de aula de Benveniste, aquelas usadas nos últimos cursos ministrados por ele no *Collège de France* entre 1968 e 1969, e de anotações de alunos que assistiram aos cursos, como as dos organizadores do livro.

Chegado o momento de fecharmos esta apresentação, gostaríamos de dizer que surge o momento de o leitor adentrar o presente volume, de modo a apreciar os artigos e a entrevista. Não sabemos ao certo *como* e *quando* da realização desse momento de leitura, contudo podemos afirmar que o leitor poderá realizar um voo transversal sobre a temática Enunciação, Subjetividade, Ensino. Cada pesquisador que colaborou conosco neste volume trilha, descortina, adensa um percurso teórico-analítico particular em relação à temática foco deste volume. É chegado o tempo de leitura!

Carmen Agustini
UFU